



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DORIANNA RIBEIRO COSTA

A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO LITERÁRIO POEMA NA
CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE LEITORA: O POEMA
“MORTE E VIDA SEVERINA” COMO FERRAMENTA NO PROCESSO
COGNITIVO DE INCENTIVO À CULTURA DA LEITURA.

Abaetetuba – Pará

2019

MARIA DORIANNA RIBEIRO COSTA

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO LITERÁRIO POEMA NA
CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE LEITORA: O POEMA
“MORTE E VIDA SEVERINA” COMO FERRAMENTA NO PROCESSO
COGNITIVO DE INCENTIVO À CULTURA DA LEITURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Letras – Língua Portuguesa
– PARFOR, da Universidade Federal do Pará.
Orientador(a): Profª. Drª Marília Fernanda Pereira
de Freitas.

Abaetetuba – Pará

2019

MARIA DORIANNA RIBEIRO COSTA

**A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO LITERÁRIO POEMA NA
CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE LEITORA: O POEMA
“MORTE E VIDA SEVERINA” COMO FERRAMENTA NO PROCESSO
COGNITIVO DE INCENTIVO À CULTURA DA LEITURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Letras – Língua Portuguesa –
PARFOR, da Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª Marília Fernanda Pereira
de Freitas.

Banca examinadora:

Abaetetuba – Pará

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida e por me conceder a possibilidade de realizar este sonho e a minha família pelo total apoio nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Senhor de todas as coisas, que me deu força e saúde para estar aqui, depois de muitos obstáculos, finalizando esta etapa de minha vida que sempre foi um sonho meu.

Agradeço a meus pais, Heitor Ribeiro e Guiomar Ribeiro (*In memoriam*) que apesar de não estarem mais presentes em vida, mas nunca deixaram de ser exemplos de luta e determinação.

A Universidade Federal do Pará, bem como o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, que me concederam a oportunidade de fazer esse curso.

A todos os professores que contribuíram comigo nesta caminhada, por toda disponibilidade e paciência nos momentos de estudo.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual, mesma morte
Severina: que é a morte de que se morre de
velhice antes dos trinta, de emboscada antes
dos vinte, de fome um pouco por dia.

(João Cabral de Melo Neto).

RESUMO

O presente trabalho, intitulado “A importância do gênero literário poema na construção de uma comunidade leitora: o poema Morte e Vida Severina como ferramenta no processo cognitivo de incentivo à cultura da leitura”, tem como principal objetivo discutir sobre a relevância de se trabalhar a leitura, a partir do gênero literário poema. Para tanto, foram utilizados autores como Barthes (1985), Lajolo (2011), Freire (1981), Vargas (2000), Pires (2000), Zilberman (1988). Adicionalmente, foi feita a aplicação de uma breve atividade de intervenção, voltada para uma turma do 9º ano B da Escola Perciliano Tourão Corrêa, no dia 02 de abril de 2019, no turno da tarde, a fim de se verificar na prática a aplicabilidade do uso do gênero poema nas aulas de língua Portuguesa. Conclui-se que o uso de tal gênero pode vir a agregar às aulas de língua portuguesa importantes discussões, relativas à situações que fazem parte do conhecimento de mundo do aluno, tornando as aulas mais interessantes e próximas da realidade dos educandos, favorecendo o trabalho com a leitura e produção de textos.

Palavras-chave: Leitura. Gêneros literários. Poema. Ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

This work, titled "The importance of the literary genre poem in the construction of a reading community: the poem Morte e Vida Severina as a tool in the cognitive process of encouraging the culture of reading", has as main objective to discuss about the relevance of working the reading, departing from the literary genre poem. For this, we used authors such as Barthes (1985), Lajolo (2011), Freire (1981), Vargas (2000), Pires (2000), Zilberman (1988). Additionally, a brief intervention activity was applied to a class of the 9th grade B of the Perciliano Corrêa Tourão School, on April 2, 2019, in the afternoon, in order to verify in practice the applicability of the use of the poem genre in Portuguese language classes. It is concluded that the use of such genre can add important discussions to the Portuguese language classes, related to situations that are part of the students' world knowledge, making the classes more interesting and close to the reality of the students, favoring the work with reading and producing texts.

Keywords: Reading. Literary genres. Poem. Teaching / learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM ÂMBITOS GERAIS.....	12
1.1. Processo de construção do leitor e atual conjuntura da leitura no Brasil...	12
1.2. A leitura poética como dinamizadora e estimuladora da leitura.....	18
2. O POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA” COMO FOMENTADOR DA DINÂMICA DE INSERÇÃO DA LEITURA POÉTICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.....	22
2.1. Contextualização do poema “Morte e Vida Severina”.....	22
2.2. O poema de João Cabral de Melo Neto dinamizado na sala de aula.....	26
2.3. Culminância da aplicação da atividade de intervenção.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

A literatura é a arte da palavra. Ela já existe há alguns milênios. Entretanto, sua natureza e suas funções continuam objetos de discussão, principalmente para os artistas e seus criadores. Como em todas as outras artes, a literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. Observa-se que na medida em que essa relação se transforma historicamente, a literatura também se transforma.

Diante dessa vertente, entende-se que a literatura é a arte que utiliza a palavra como matéria-prima de sua produção. Contudo, o poema, por sua vez, é um gênero literário, pois apresenta algumas peculiaridades que diferem dos demais gêneros. Peculiaridades essas que facilitam sua identificação. Porém, se engana quem acredita que todo poema é composto por versos e estrofes. Há poemas em prosa, bem como poemas que se aliam a elementos visuais, à linguagem verbal, contrariando assim a ideia de que poema deve prender-se a regra como metria ou rima.

Partindo dessa premissa, compreende-se que poema significa “fazer, compor”, além disso seu objetivo é manifestar seus sentimentos e emoções, ainda assim pode estar presente em todas as classes literárias.

O poema trabalhado neste projeto será “Morte e Vida Severina” (1955), do escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto, que se enquadra entre as obras da literatura regional brasileira, tendo sido escrito entre os anos de 1954 e 1955 e no mesmo ano foi publicado. Faz parte da terceira geração do modernismo e conta a história de um retirante nordestino, de nome Severino. O autor utiliza uma linguagem poética, porém concisa, engajada, buscando mais o concreto e o visual do que o sentimento. O livro é considerado uma reconstrução dos autos medievais, porém retratando a realidade atual da população nordestina.

A escolha do poema “Morte e Vida Severina” deu-se pela representatividade do personagem principal, o Severino, que com sua história de vida, apresenta uma série de mazelas sociais que são vivenciadas por uma parcela de nordestinos pobres, conhecidos como retirantes, que migram de suas regiões em busca da cidade grande, que para eles significa um futuro melhor.

Este trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de proporcionar a aprendizagem de forma dinâmica, dialógica e criativa, contextualizando as práticas pedagógicas com as questões sociais presentes no gênero literário poema. Esta ação torna-se relevante em razão das disparidades existentes em nossa sociedade.

A prática de leitura na sala de aula como instrumento para leitura crítica do mundo precisa ser aguçada como uma espécie de jogo, desafiando os conflitos vivenciados como meio de ampliar a compreensão crítica do mundo. O docente de língua e literatura no nono ano do ensino fundamental, com intuito de superar os desafios existentes nesse nível de escolaridade, deve instigar, bem como valorizar e explorar os textos literários em suas pluralidades (linguísticas, históricas, sociais e políticas) nas diversas dimensões.

Neste sentido, Roland Barthes (1985), afirma que dada a sua inserção em práticas sócio históricos e culturais, pode ser uma atividade de interação contra fragmentação de saberes (o que nos permite pensar em projetos interdisciplinares que torna o texto literário como eixo organizador). Partindo desse pressuposto vimos que valorizar essa prática educativa do texto literário em suas pluralidades é contribuir de forma significativa para agregação de novos saberes.

Dentro do universo do poema deve se trabalhar a prática pedagógica da linguagem poética, para o aprendiz alcançar competências de melhorias na leitura e na escrita. Além de cultivar o humor prazeroso contido no poema. A esse respeito, MELLO argumenta que “O poema apresenta-se sob a forma de enigma de um jogo de adivinha em que o leitor tenta descobrir que casa é essa, mas na verdade o poeta está falando de algo que não existe, que ele inventou, portanto, enganando o leitor” (2003, p. 171).

Dessa maneira acredita-se que o poema se torna uma proposta categórica de atividade pedagógica a partir de seu contexto, de análise, compreensão e interpretação textual.

1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM ÂMBITOS GERAIS

Neste capítulo apresentarei uma contextualização histórica a respeito da leitura no Brasil. Abordarei desde como este hábito chegou em nosso país, até suas lacunas nos dias atuais, evidenciando que o referido é um processo histórico construído pela sociedade.

1.1. Processo de construção do leitor e atual conjuntura da leitura no Brasil

“Leitura é uma troca entre leitor e livro, ou seja, é um encontro entre leitor, autor e liberdade. É algo à parte, especial, dentro de casa, na escola e no mundo”. (TRES & IGUMA, 2015)

Quando falamos a respeito de leitura no Brasil devemos lembrar como o processo de alfabetização da população se construiu desde os tempos primórdios desta nação. Através da história sabemos que o conhecimento sempre foi restrito a certos grupos. Durante muito tempo só homens podiam estudar e apenas aqueles que possuíam condição financeira para custear esses estudos.

Os nativos que aqui habitavam (e ainda habitam até os dias de hoje) possuíam seu jeito próprio de comunicação e linguagem, aspectos estes que foram corrompidos com a chegada dos portugueses no território brasileiro. Os jesuítas, de acordo com sua fé, além de catequisarem os indígenas também impuseram sua linguagem e métodos educativos. Com esse episódio de colonização que se expandiu para aspectos culturais e educacionais é que começamos nossa história da leitura, bem como a construção dos leitores no Brasil.

Todo esse processo de construção do leitor que se iniciou no passado reflete na conjuntura que temos nos dias de hoje. Um exemplo claro é que no Seminário Internacional sobre Políticas Públicas do Livro e Regulação de Preços ocorrido em 2015, o então Ministro da Cultura Juca Ferreira, afirmou em entrevista para o site “O Globo” que o Brasil não dá a importância necessária à leitura e que chega a ser vergonhoso o índice per capita de livros ser de 1,7 ao ano¹.

A esse respeito as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman trabalham essa questão da leitura em um contexto mais abrangente, tratando da história literária e citando autores conhecidos, ou nem tanto, que foram e ainda são pilares nessa construção.

“Esta é uma história cujas principais personagens são José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompeia, Mario de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, citadas em quase todos os capítulos e coadjuvadas por Tomás Antônio Gonzaga, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay, Adolfo Caminha, Coelho Neto, Olavo Bilac, Graça Aranha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Erico Verissimo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Mario Quintana, Cora Coralina, Rubem Fonseca e muito mais” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p.4).

No entanto, é fácil perceber que o foco delas está no leitor, uma vez que o mesmo é peça essencial neste cenário. As referidas destacam o quanto foi e, ainda é, lenta e dificultosa essa formação do leitor brasileiro, uma vez que esse leitor não é singular, mas sim plural, são mulheres, jovens, idosos, adultos, crianças, professores, arquitetos e até mesmo os próprios escritores. Estas múltiplas identidades fazem com que o leitor seja visto, do ponto de vista da globalização, como um público onde o seu protagonismo se torna escorregadio.

Ao adentrarmos no campo da literatura e sua fase inicial comumente lembramos da literatura portuguesa, onde recordamo-nos do trovadorismo, das cantigas de amor e de amigo e da idade média onde o público leitor começava a nascer. É fato que no Brasil esse costume chegou um pouco mais tarde, pois todas as evoluções deste âmbito aconteciam a priori na Europa.

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede de monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação de literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p.8)

Para compreendermos a formação da leitura no Brasil hoje, temos que voltar os olhos para o início da expansão desse costume, que iniciou no século XVIII, com a expansão da imprensa, com as revoluções burguesas e com o surgimento da democracia e o liberalismo. Estes acontecimentos impulsionaram o comércio de livros, já que a partir de então a escolarização já era possível chegar às camadas populares.

Um processo de produção que antes era artesanal, exercido por tipógrafos passa a ter caráter empresarial, com o uso das tecnologias os livros custavam bem menos e vendiam cada vez mais, mas é claro que o consumo desses produtos só foi possível, graças ao que foi dito no parágrafo acima, o público estava se

escolarizando, o mundo se modernizando e por consequência este mercado começou a ascender.

Regina Zilberman tem um vasto trabalho a respeito desses contextos de leitura e literatura, o qual discute a leitura e o ensino da literatura, abordando a formação do leitor e as falhas encontradas nesta mesma. Evidenciando que a presente crise na leitura teve suas origens ao final dos anos 70 e, desde então, vem se tornando cada vez mais preocupante. Por isso, considera que é preciso “implantar uma política cultural fundada no estímulo a leitura” (ZILBERMAN, 1988, p. 16).

É importante ressaltar que o intenso apelo pela cultura da leitura não se dá somente pela leitura em si, mas também porque é a partir dela que podemos conhecer novos universos, diferentes políticas, padrões, etc. Por isso podemos dizer que a leitura nos transforma em seres pensantes e capazes de criticar e intervir em nosso meio social.

Outro fator de destaque para Zilberman é o quanto que a literatura pode servir de incentivo no processo de construção de um público leitor, pois inserindo textos na sala de aula incorporando ao contexto do aluno e aos conteúdos didáticos instiga o interesse dos docentes. A análise de texto antigos fazendo comparação com os dias atuais, faz com que o aluno reflita a respeito das mudanças sociais perante ao tempo e essa capacidade de criticidade é o que almejamos com o apelo pelo hábito de ler.

Atividades em que o aluno tenha que reformular as histórias, criar novos finais, mudar as características dos personagens, são de suma importância, pois exercitam a criatividade dos alunos e os incentivam não somente a ler, mas também a escrever.

Por tudo isso vemos que, para se obter o êxito nesse processo de leitura, é necessário um preparo e incentivo da escola, tanto para com os professores como para os alunos. É preciso trabalhar com afinco as metodologias existentes, para que estas sejam capazes de incentivar e despertar o interesse pela leitura nos docentes. Elmita Pires e Marcia Piveta (2011) discutem em seu artigo “Literatura e leitura na escola de ensino básico” vários obstáculos no ensino da Literatura, bem como da própria leitura. O maior deles está na falta de interesse pela leitura de textos

literários, por parte dos estudantes e este fator desencadeia vários outros como: dificuldade de interpretação de textos e do uso da norma culta, verbalização, etc.

As referidas autoras realizam uma pesquisa que mostrar o porquê da deficiência no ensino de literatura nas escolas de ensino básico, que é resultado de uma lacuna relacionada ao ensino de leitura e gramática que é apenas um princípio de todo um processo que resulta no pouco interesse dos alunos pela matéria.

O parco apelo pela cultura da leitura justifica-se na grande influência e relevância que ela concentra na vida de um indivíduo. Um leitor desenvolve capacidades interpretativas, consegue enxergar o mundo sob diversas perspectivas, é capaz de ser crítico diante da sua conjuntura social e da sua contribuição para com o seu meio de convívio. Por tudo isso deve ser trabalhada desde as séries iniciais, para que desde criança o indivíduo desenvolva essas habilidades, construindo desde cedo a sua aptidão naquilo que Paulo Freire chama de “leitura de mundo”.

Nesse contexto é importante percebermos que o que impossibilita uma criança a criar apreço pela leitura, não são somente as tecnologias existentes, os jogos, televisões, etc. As autoras deste artigo comungam da ideia de Paulo Freire que diz que a leitura precisa ser dinâmica, “viva”, que possa a ser vista com prazer e não como dever. É fundamental que esse processo seja trabalhado desde a infância, como uma leitura antes de dormir, uma história que chame a atenção da criança, instigue sua curiosidade, que seja voltada para a sua realidade, para que assim ela se acostume vendo a leitura como algo divertido e interessante.

Devemos observar que para o bom desenvolvimento da aprendizagem da leitura ainda na fase infantil, o aluno precisa ter uma visão mais artística e menos científica do que lê, já que ele trabalha com o seu emocional e sua percepção de mundo e é nesse momento em que os textos literários devem ser usados como estímulo, uma vez que estes envolvem contextos e sentimentos que podem ser absorvidos pelas crianças. Claro que tudo isso associado a maneira que esse texto será inserido na sala de aula. Os alunos precisam se sentir envolvidos pelo texto, precisam ler e se envolver no contexto literário.

A estratégia mais operativa seria apresentar as crianças textos que atraíam a atenção, que instigue as suas imaginações, rompendo seus horizontes, mostrando coisas novas, assim como também textos em que o aluno possa identificar um pouco de sua realidade. É preciso que eles compreendam o texto como algo vivo,

que eles sejam capazes de criticar e possa ver através da leitura novas experiências e perspectivas para suas vidas.

De acordo com PIRES e PIVETA (2011):

O professor poderá indagar, também, sobre qual o texto ou etapa exigiu um nível maior de atenção e concentração para o entendimento do que liam, e qual lhes trouxe maior satisfação para que pudessem compreender melhor a mensagem do texto (2011, p.6)

Com isso, vemos a importância da orientação dos docentes, uma vez que cabe a eles o papel de fazer com que haja um diálogo com o texto. Por isso vemos a necessidade de uma revisão nesse processo de estímulo a leitura. A priori os educadores devem se tornar conscientes de suas falhas para que assim possam adotar novas posturas que venham ajudar a sanar esta problemática. Consoante a isso, temos a referência de Paulo Freire quando o mesmo discute a importância do ato de ler.

Em seu livro “A importância do ato de ler: em três artigos que se completa”, Paulo Freire retrata sua compreensão crítica a respeito do ato de ler. Ressalta que o ato de ler vai além de uma decodificação de palavras, argumentando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1981).

Para este autor a linguagem e a realidade andam de mãos dadas, uma vez que o ato da compreensão textual está ligado ao entendimento do contexto em que o texto foi produzido.

Durante o texto, Freire relata suas experiências pessoais relacionadas a leitura.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (FREIRE, 1981, p.1).

Quando criança, quando sua leitura não era da palavra, o mesmo lia o contexto histórico em que estava inserido. Este fato foi fundamental em seu processo de alfabetização, pois a leitura da palavra não quebrou a leitura de mundo e sim uniu-se a ela, tornando-se a leitura da “palavra mundo”.

Em sua fase adulta o autor busca lembrar, como ele diz “re-ler suas experiências da infância, pois as mesmas lhe serviram como base em sua carreira como professor de português. Freire buscava ser dinâmico e instigava os seus alunos a ultrapassarem, com os conteúdos, a sala de aula. Ele tratava a gramática como algo vivo e não mecânico.

Paulo Freire ressalta que o processo de alfabetização é uma montagem da expressão escrita a partir da expressão oral, através da criatividade e contextualização do meio social do alfabetizando. É por isso que a importância do ato de ler está em sua complexidade que aborda percepção crítica, interpretação e reescrita, sempre levando em consideração texto e contexto.

Ainda tratando sobre a leitura, a autora Suzana Vargas, introduz uma discussão acerca do que seria o “ler”, ressaltando que o aprendizado da leitura está relacionado com diversos sentidos anteriores a visão, ou seja, a experiência da leitura também é sensitiva. Para ela: “Ler significará para sempre o ato de compreender, estabelecer relações inicialmente individuais com cada objeto ou ser que nomeia, ampliando-as mais tarde”. (VARGAS, 2000).

Nesse sentido, a autora comunga das ideias de Paulo Freire de que o processo de leitura é dinâmico e contextualizado, uma vez que essa percepção com olhar crítico e social nos faz ter mais compreensão sobre um determinado texto.

Nesta obra Suzana lança um foco a respeito da leitura de textos literários, frisando mostrar como se deve trabalhar este tipo de leitura com a finalidade de “aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno” (VARGAS, 2000, pag.8). Tudo isso acontece porque a literatura abarca inúmeras realidades e significações. A partir de um texto literário é possível reagirmos com sentidos, emoção, sentimentos ligados a realidade. Outro fato que se evidencia no texto é que o modo de ler influencia no que se pode absorver da leitura.

Suzana Vargas considera que existem três eixos que precisamos entender dentro da leitura da literatura: a realidade, o imaginário e a linguagem. “A linguagem é o real. É o modo como o entendo e o expresso. O imaginário é também real enquanto expresso pela linguagem.” (VARGAS, 2000, pag.11). Partindo desse pressuposto devemos entender que a realidade e a ficção, em literatura, não podem ser opostos e essa é uma estratégia que desperta o interesse dos alunos pela leitura.

Por outro lado, é natural que a leitura desperte um olhar crítico e amplie o vocabulário dos leitores, porém outro fator que o hábito de ler proporciona é facilitar a criação, a produção textual. Para a mesma autora o ato de ler deveria ser ensinado de maneira mais artística e não decodificada, para que os alunos possam adquirir afeição a esta prática.

Portanto, concluímos que a prática da leitura é uma construção que depende de vários fatores, métodos e abordagens. Com isso os docentes devem estimular esse hábito da maneira mais chamativa e prazerosa, para que ele possa se estender desde a infância até a fase adulta de um indivíduo, pois uma pessoa que lê se torna mais crítica e produtiva com seu meio social.

1.2. A leitura poética como dinamizadora e estimuladora da leitura

Após chegar à conclusão de que a construção de uma sociedade leitora depende de diversos fatores e metodologias, volto o olhar para a leitura poética, estabelecendo a mesma como uma alternativa que vem contribuir para a atual conjuntura insatisfatória de leitura em que nos encontramos.

A prática de trabalhar com textos poéticos precisa ser mais valorizada, e, é de suma importância saber usufruir destes, pois, é através deles que expressamos os sentimentos e buscamos colocar em prática as emoções. (SILVA, DUARTE, DA SILVA, SOUZA, 2016, p.6).

Vivemos em um contexto social que obriga os alunos a apenas ler aquilo que lhes acarretará criticidade. Textos, em sua maioria em prosa, que versam sobre atualidades, tecnologias, meio ambiente, entre outros. Textos que não possuem caráter sentimentalista como no gênero poema.

Neste sentido, observa-se a importância da poesia para o encontro do homem consigo mesmo, à medida que a linguagem poética destaca-se como um dos mais apropriados instrumentos didáticos, que revelam o mundo e a cultura humana às crianças, contribuindo dessa forma, para a formação cultural e pessoal do leitor infantil. No entanto, apesar de sua fundamental importância para a construção de conhecimentos, percebemos que atualmente nas aulas de língua portuguesa a leitura, em especial de poesias, é algo pouco discutido, pois infelizmente o incentivo a leitura da poesia ficou esquecido dentro do contexto escolar, uma vez que os professores em sua maioria preferem tratar em sala de aula de assuntos considerados “mais importantes”. (LEAL, 2014, p.4)

Diante disso vemos que ao trazer esse gênero para a sala de aula pode gerar no estudante um interesse diferenciado, onde ele possa ler um texto não somente com a sua capacidade racional, como também a emocional. Mas tudo isso se dará apenas com o convívio constante com o texto poético, com a inserção do mesmo desde o processo de alfabetização, para que assim seu devido valor seja percebido e suas complexas competências sejam absorvidas.

A esse respeito TRES E IGUMA (2015) destacam:

Sabe-se do imenso valor que a poesia possui, mas são desconhecidas algumas das contribuições que o gênero reflete na formação do sujeito-leitor. Todavia, a vivência poética em sala de aula, bem como fora dela propicia, além do alargamento intelectual, a elevação da imaginação, bem como o desenvolvimento de princípios e características individuais capazes de medir e reafirmar os próprios sentimentos e ações do leitor (2015, p.1).

Sabendo da enorme relevância que este gênero possui, pensaremos na prática, como inserir o poema na prática da sala de aula. Como apresentar para os alunos uma outra visão a respeito do gênero poema, para que estes venham a compreender que de uma poesia eles podem absorver inúmeras percepções. De acordo com Lydiane Leal em seu artigo “A importância da poesia na formação de leitores” a poesia desperta sensibilidade e emoções nos leitores e isso pode gerar um interesse maior pela leitura.

O poema demanda de seu leitor um olhar mais atento, uma ativa mobilização do lado intelectual e afetivo, requerendo um entrelaçamento contínuo de emoções e desejos, a poesia leva os alunos a se perceberem como sujeitos construtores de significados, aqueles que não se contentam com as versões recebidas, mas que questiona e transforma a realidade interior e exterior é uma fonte de saber (LEAL, 2014, p.1)

Além disso, é fato que trabalhar com poemas promove uma ludicidade nesse processo de incentivo à cultura da leitura, uma vez que ler um poema exige uma performance, uma postura diferente do que qualquer texto comum possa exigir, o leitor precisa interpretar, representar o que o autor está expressando, pois sabemos que poemas são frutos de pensamentos e sentimentos de quem os escreve.

Dessa maneira é relevante frisar que cabe a escola o papel de se mobilizar e pensar em diversas formas de fazer com que a valorização deste gênero aconteça. Possibilitar atividades que contextualizem o gênero com o cotidiano dos alunos,

tornando-o acessível, despertando o interesse dos mesmos pelo gênero e com isso instigar a leitura de um modo geral, que é o maior objetivo desse trabalho.

A escola como um todo (professores, gestores, coordenadores) é responsável por possibilitar aos educandos essa dinâmica diferenciada de leitura, visto que muitos deles só tem esse acesso à leitura no ambiente escolar. Estes precisam estar elaborando metodologias eficazes que impulsionem o aluno a ler. O professor, bem como a comunidade escolar, primeiramente, precisa ser preparado para esta prática, visto que os mesmos serão o elo de ligação entre as leituras e os alunos. Por tudo isso, além de conhecimento acadêmico a respeito do gênero poema e um bom repertório de leituras, o professor precisa ser dotado de sensibilidade.

Nesse sentido, o trabalho a ser realizado precisa focar em tornar confortável a relação entre leitor e leitura. As leituras precisam abordar assuntos presentes no cotidiano dos alunos, que os deixem envolvidos, temas que eles se identifiquem e saibam interpretar através de suas experiências de vida, não somente com o intelecto, mas também com sentimentos.

Portanto, é notório que para a mudança do quadro atual de leitura que temos hoje no Brasil precisamos mudar toda uma dinâmica escolar, visto que esta cultura só será implantada com raízes sólidas através da prática cotidiana, do contato agradável com leituras que tenham uma proximidade e um significado para os alunos.

2. O POEMA “MORTE E VIDA SEVERINA” COMO FOMENTADOR DA DINÂMICA DE INSERÇÃO DA LEITURA POÉTICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.

Neste capítulo versarei a respeito da prática metodológica desta pesquisa. Como se sucederá a atividade com o poema “Morte e Vida Severina” dentro da sala de aula da turma de 9º ano da escola Perciliano Tourão Corrêa, bem como os seus resultados.

2.1. Contextualização do poema “Morte e Vida Severina”

Primeiramente quero evidenciar o motivo da escolha deste poema de João Cabral de Melo Neto. Tal poema aborda inúmeras questões sociais que precisam ser refletidas e debatidas, pois são muito recorrentes no cotidiano de muitos brasileiros. Brasileiros estes que, por sua condição social, caem no esquecimento dos governantes, que deveriam lhes prestar subsídios e lhes assegurar aquilo que é prescrito no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, que são direitos e garantias fundamentais para todos os cidadãos.

Dentro do universo do poema, deve-se trabalhar a prática pedagógica da linguagem poética, para o aprendiz alcançar competências de melhorias na leitura e na escrita, além de cultivar o humor prazeroso contido no poema. A esse respeito, Mello (2003, p. 171) argumenta que “O poema apresenta-se sob a forma de enigma de um jogo de adivinha em que o leitor tenta descobrir que casa é essa, mas na verdade o poeta está falando de algo que não existe, que ele inventou, portanto, enganando o leitor”. Dessa maneira acredita-se que o poema se torna uma proposta de atividade pedagógica a partir de seu contexto, de análise, compreensão e interpretação textual.

O poema “Morte e Vida Severina” (1955), se enquadra entre as obras da literatura regional brasileira, tendo sido escrito entre os anos de 1954 e 1955 e no mesmo ano foi publicado. Faz parte da terceira geração do modernismo e conta a história de um retirante nordestino, de nome Severino que por ter uma vida sofrida na Zona da Mata, vai em busca de melhorias em Recife. Esta obra é narrada em primeira pessoa, composta por monólogos e também diálogos com outros personagens².

No que tange ao autor, vale destacar que este foi poeta e diplomata, nascido no Recife em 09 de janeiro de 1920, filho de Luís Antônio Cabral de Melo e Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo, irmão do historiador Evaldo Cabral de Melo e primo do poeta Manoel Bandeira. Estudou no Colégio Marista e sempre foi um bom amante da leitura, lia tudo o que tinha acesso na escola e na casa de sua avó. Em 1942 publicou sua primeira coletânea de poemas, com o livro “Pedra do sono” e em 1945 publicou o seu segundo livro, chamado “O Engenheiro”. Em 1947 inicia sua carreira na diplomacia, onde passa a conhecer diversos lugares do mundo. Em 1950 começa a escrever sobre temas sociais e em 1956 escreve o poema "Morte e Vida Severina", que o consagra no meio poético. Ele recebeu prêmios como: Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, em 1955, Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro, em 1993, Prêmio da União Brasileira de Escritores pelo livro "Crime na Calle Relator", 1988. Também foi membro da Academia Brasileira de Letras e possui vinte obras publicadas³.

Para uma melhor compreensão da obra devemos entender em que contexto histórico este poema foi escrito, uma vez que consoante PEREIRA (2011, p.11) é:

Interessante se pensar que os artistas como os poetas, por exemplo, apresentam novas interpretações da realidade a partir de suas obras. Uma maneira diferente de ver o mundo é apresentada pelos olhos do artista, influenciado por seu contexto, ao mesmo tempo em que colabora por modificá-lo.

Diante disso, sabemos que nesse período o Brasil vivia o período das Repúblicas Populistas, período entre ditaduras, marcado por diversos conflitos políticos e mudanças consideráveis neste mesmo cenário. Fora do Brasil também tínhamos um cenário de Guerra Fria que influenciava o mundo não só em aspectos políticos, mas culturais, educacionais, entre outros. Por conta de todos esses enfrentamentos, as sociedades encontravam-se preocupadas e isso refletia muito nas produções artísticas da época.

De maneira particular, o poema “Morte e Vida Severina” retrata a realidade de uma parcela de brasileiros, nordestinos, que viveram (e é importante frisar que muitos ainda vivem) imersos em políticas oligárquicas como: coronelismo e voto de cabresto. Estes referidos, por falta de condições e assistências, se veem tendo de deixar suas raízes, suas terras, seu habitat natural, para buscar melhores condições

de vida e trabalho nas cidades grandes e esse processo de êxodo é muito desgastante e sofrido.

É deveras importante ressaltar que esta obra ganhou grande notoriedade por conta de sua escrita. João Neto foi feliz em produzir um drama que, ao invés de carregar sentimentalismos, era repleto de realismo. Tal autor escreveu com clareza as vivências do nordeste brasileiro, deixou evidente a capacidade de adaptação dos retirantes ao meio social em que eles se encontram e, apesar deste texto ser regional e tratar de um assunto bem específico, ao mesmo tempo ele consegue ser universal e nos dá margem para discutirmos diversas questões sociais de muitos outros lugares.

A obra inicia com Severino explicando ao leitor quem ele é e a que vai:

<p><i>“O meu nome é Severino, não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejam: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da paraíba. Mas isso ainda diz pouco:</i></p>	<p><i>se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta. E se somos severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte que se morre de velhice antes dos trinta,</i></p>	<p><i>de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado de cinza. Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra.”</i></p>
--	--	--

Durante o corpo da obra, Severino vai narrando suas histórias de vida durante o seu processo de migração. O mesmo busca fugir da fome e da seca, mas em seu

percurso encontra a morte de diversas formas. Esta poesia tem como subtítulo “auto de natal”, que representa a esperança dos retirantes, essa esperança se transcreve no nascimento de um filho de um casal de retirantes, que são Severinos iguais ao personagem principal da obra.

Esta obra está dividida em dezoito partes e cada uma delas recebe um título que as resume, são elas:

- "O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”;
- “Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: ‘Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!’”;
- “O retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o Rio Capibaribe, cortou com o verão”;
- “Na casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores”;
- “Cansado da viagem o retirante pensa interrompe-la por uns instantes e procurar trabalho ali onde se encontra”;
- “Dirige-se a mulher na janela, que depois descobre tratar-se de quem se saberá”;
- “O retirante chega a Zona da Mata, que o faz pensar, outra vez, em interromper a viagem”;
- “Assiste o enterro de um trabalhador de oito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério”;
- “O retirante resolve apressar os passos para chegar logo ao Recife”;
- “Chegando ao Recife, o retirante senta-se para descansar ao pé de um muro alto e caiado e ouve, sem ser notado, a conversa de dois coveiros”;
- “O retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe”;
- “Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio”;
- “Uma mulher, da porta de onde saiu o homem, anuncia-lhe o que se verá”;
- “Aparecem e se aproximam da casa do homem vizinhos, amigos, duas ciganas etc.”;
- “Começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido”,
“Falam as duas ciganas que haviam aparecido com os vizinhos”;

- “Falam os vizinhos, amigos, pessoas que vieram com presentes etc.”;
- “O carpina fala com o retirante que esteve fora, sem tomar parte em nada”.

No decurso deste poema o autor estabelece uma profunda ligação entre a literatura e a realidade social que ele está retratando, com a finalidade de que o leitor perceba e compreenda as questões históricas e sociais presentes no texto. Esta é, segundo Pereira (2011, p. 21), a função de engajamento da obra, em que se “emprega a temática do excluído social através de técnicas de construção poética que classificam sua obra como sendo portadora de qualidade literária, assim sendo, engajada”.

É de suma importância explicitarmos sobre os elementos “morte” e “vida” que acompanham a trajetória de Severino. No poema, a morte, é companheira frequente do personagem principal, ele a encontra de diversas maneiras, morte pela pobreza, pela seca, pelo trabalho, morte matada em emboscada, morte de velhice. Até mesmo quando Severino chega a Recife que a paisagem geográfica muda, ele ainda sim se depara com a morte, uma vez que a realidade dos retirantes na cidade grande é de marginalidade, discriminação, etc. Então, no momento em que Severino pensa em se entregar a morte é anunciada uma vida, um nascimento e esse episódio faz alusão com o nascimento de Jesus. Sendo assim, a narrativa que sempre girou em torno da morte, dá espaço a vida, a esperança mesmo em meio a tantas dificuldades insiste em florescer.

2.2. O poema de João Cabral de Melo Neto dinamizado à sala de aula.

Após conhecermos um pouco sobre a obra que será usada nesta pesquisa, vamos pensar em como esta deverá ser usada em sala de aula. Quais aspectos desta obra servirão para ser debatidos no ambiente escolar para que, a partir dele, consigamos alcançar o objetivo, que é o incentivo da leitura por meio da literatura, mais especificamente do gênero poema.

Como já discutimos no primeiro capítulo, a leitura poética se torna mais prazerosa que as demais leituras por seu caráter sensível que mesmo assim não deixa de ser realista. “Morte e Vida Severina” é um exemplo claro disso, uma vez que o autor usa de linguagem poética, sem perder o realismo e a combinação desses dois elementos nos presenteia com uma obra riquíssima, tanto em aspectos literários, quanto em aspectos sociais.

A aplicação da atividade de intervenção a ser proposta aqui acontecerá na Escola Perciliano Tourão Corrêa, localizada no município de Igarapé Miri. Ademais, adiante neste capítulo apresentarei o histórico desta instituição e a atual situação da mesma.

O terreno onde hoje está localizada a escola era propriedade da Sr^a.Dulcilina Pinheiro Pantoja, local onde residia com a família e possuía uma roça (espécie de plantação) de mandioca e batata. Segundo depoimento de seu filho o Sr. José Raimundo Pinheiro Pantoja, no início das negociações entre prefeitura e proprietária o acordado foi que o terreno seria doado para construção da escola e em troca ganharia uma residência em outro lugar. Mas por falta de maiores entendimentos, a terra foi vendida por doze mil cruzeiros para prefeitura Municipal de Igarapé-Miri.

O estabelecimento de ensino recebeu como primeiro nome Escola Municipal Vereador Perciliano Tourão Corrêa homenagem a pessoa de grande influência no âmbito da política em nosso Município. Sendo assim, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Perciliano Tourão Corrêa encontra-se localizada na Avenida Sesquicentenário no bairro da Cidade Nova s/n próximo a ROD. PA 151.

Esta entidade pública é mantida pela Secretaria Municipal de Educação e fora construída e fundada pelo prefeito Manoel da Paixão e Silva no ano de 1985, acontecimento alusivo aos 140 anos de fundação do município de Igarapé-Miri, Estado do Pará, tendo sua instalação ocorrida no vigésimo sétimo dia do mês de julho do mesmo ano. Nesse sentido, a construção da escola deu-se com a finalidade de atender as crianças que residem neste bairro e redondezas, pois naquela época não havia instituições de ensino nesta localidade.

Em 03 de março de 1986, a escola inicia o trabalho educativo e tem como primeira diretora a professora Raimunda Neri Lobato, indicada pelo prefeito e vereadores da época. O estabelecimento de ensino iniciou funcionando em dois períodos manhã e tarde com turmas de educação infantil e de 1^a a 4^a série.

A unidade de ensino possuía aproximadamente 180 (cento e oitenta) alunos matriculados. Um dos maiores problemas enfrentados na escola, segundo narrativas da diretora, eram a falta da participação da comunidade e a violência da própria família (por muitas vezes invadiam a escola por conta de desavenças de alguns alunos). No que se refere à relação com os professores demais funcionários e direção era bastante amigável.

No governo do prefeito Miguel Tourão Pantoja, mais precisamente em 01/01/1993 por determinação legal, realizou-se reforma e ampliação da escola em regime de convênio com o MEC, onde foi incluída a construção do muro que cerca o prédio.

No ano de 2001 a abril de 2004 a direção é confiada ao professor Marinaldo Pantoja Pinheiro. Segundo ele, o maior problema detectado na época foi à violência. Vários casos de agressão física, furtos, entre outras situações foram presenciadas na escola, até mesmo casos de prisões. Em 2004 o presidente do Conselho Estadual de Educação, por meio da resolução n 98 de março de 2004 autoriza o funcionamento do Curso Supletivo de Ensino Fundamental 1ª e 2ª etapa.

Em 2005 o Professor Mauro Chaves Corrêa foi diretor da escola, e segundo relatos do mesmo, nesse período os maiores problemas da escola eram a evasão, a violência e a falta da parceria da comunidade nas ações que eram promovidas pela instituição. Ainda nesse período houve inauguração da quadra esportiva da escola, com acessórios de vôlei, basquete e trave de futebol.

Em 2006, governo da Sr.^a Dilza Maria Pantoja Corrêa, a professora Claudiana Pinheiro Quaresma assume a direção de nossa escola. Ao ser entrevistada a professora relata que os maiores problemas enfrentados eram, a aversão dos alunos a cor e modelo do uniforme, autoestima baixa e a violência escolar.

Vale ressaltar que o bairro onde a escola está edificada localizam-se residências, comércios, bares, batedeiras de açaí, academia de ginástica e padarias. A população da redondeza é de baixa renda, provenientes de outros bairros, outras cidades e da zona rural. Os alunos e a maior parte da comunidade escolar são oriundos de classe menos favorecida economicamente. As famílias ganham o sustento trabalhando em roçado, como domésticas, em carroças, como feirantes e outros que dependem de programas.

Atualmente, a escola atende ao ensino infantil, e ensino fundamental de oito anos e a introdução gradativa do ensino fundamental de nove anos. Dessa forma, a mesma funciona nos turno manhã, tarde e noite o corpo discente atualmente é composto por 386 (trezentos e oitenta e seis) alunos distribuídos em vinte três turmas, sendo elas: 01(uma) turma do jardim I, 01 (uma) turma do jardim II, 02 (duas) turma de 1º ano "A" e "B" do ensino de nove anos,02(duas) turmas de 2º ano "A" e "B" do ensino de nove anos, 02 (duas) turmas 3º, "A" e "B" 02 (duas) turmas do 4º "A" e "B", 02 (duas) turmas 5º "A" e "B", 02 (duas) turmas de 6º "A" e "B", 02

(duas) turmas de 7º “A e “B, 02 (duas) turmas de 8ª ano “A” e “B” e 02 (duas) turmas de 9º ano “A” e “B”.

A referida instituição possui 01(uma) direção, 01(uma) vice direção 03 coordenadores pedagógicos, 01(uma) professora do jardim I, 01(uma) professora do jardim II 05 professores de ensino fundamental de nove anos, (Ensino Fundamental I), uma professora cuidadora e 11 professores de 6º ano a 8ª série. O prédio escolar dispõe de:(01) uma cozinha; (01) um depósito de material de limpeza; (01) uma diretoria;(01) uma quadra de esportes descoberta;(01) um refeitório;(01) uma sala de leitura; (01) uma sala de professores;(08) oito sanitários para uso dos alunos, 02 (dois) adequados para acessibilidade ;(01) um sanitário para funcionários;(01) uma secretária;(02) dois corredores;(10) dez salas de aula, sendo (03) com central de ar.

Como foi evidenciado neste breve histórico da escola, foi fácil perceber que esta atende um público em situação econômica de risco. São muitos os casos onde famílias são desestruturadas pela criminalidade que é bastante acentuada neste município. Portanto, a realidade que essa escola vive se aproxima de muitos problemas sociais que João Cabral de Melo Neto aborda em seu poema aqui trabalhado. A falta de assistencialismo que gera desemprego, fome e que dá margens a inserção de tantas pessoas na criminalidade, são elementos presentes no cotidiano desta escola.

Diante disso, partimos do princípio de que, ao se identificar com contexto social do poema, os educandos se sentirão mais próximos do poema, bem como mais confortáveis relatar suas vivências e também as vivências que eles conhecem através de seu meio familiar e social.

A priori, buscaremos conhecer o poema, em conjunto realizaremos a leitura, para que assim os alunos possam se familiarizar com o texto e emitir opiniões pessoais a respeito do mesmo. A partir de então é que começaremos a problematiza-lo, a estudar suas partes e identificar as questões sociais contidas no texto.

É evidente que a temática principal de “Morte e Vida Severina” é a migração de Severino do sertão para a cidade grande, no entanto, dentro do texto nos deparamos com inúmeros elementos que precisam ser debatidos. Segundo o artigo “Os aspectos sociais de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas” de Larissa Walter Tavares de Aguiar, além de questões como a seca,

a fome, o desemprego, nesta obra encontramos elementos como a ganancia humana, diz ela:

Quando se fala das problemáticas que envolvem a vida dos nordestinos geralmente se pensa na fome, na seca e na falta de oportunidade. Todavia um dos fatores que acentua essa miséria é o próprio ser humano, que corrompe, mata e rouba o seu igual (2015, p.8).

Além disso, temos a palavra “Severina”, que dá nome ao personagem principal, como um adjetivo pejorativo, relacionado a pobreza, miséria, etc. É também perceptível como Severino se coloca no lugar de inúmeros nordestinos que viveram ou ainda vivem a história que por ele é narrada, ele se torna apenas um representante de tantos Severinos, como ele mesmo diz.

A realidade retratada neste texto aborda a ida de Severino para a cidade grande em busca de uma vida melhor, sem as mazelas do sertão. No entanto, o enredo nos mostra o contrário, os problemas sociais apenas mudam de localização, ressalta-se então não apenas a poluição do rio e da cidade, mas também das pessoas que ali se encontram.

Dessa maneira, iremos abordar essas temáticas relacionando-as com os conhecimentos de senso comum dos alunos, com suas experiências de vida. Após realizarmos a leitura em conjunto, os alunos serão questionados a respeito de suas opiniões acerca do que leram, se entenderam e o que não entenderam.

Em um segundo momento já passaremos para a problematização, a explanação das críticas sociais existentes no texto, onde os alunos poderão contar histórias que eles conhecem (viveram ou ouviram falar) que contenham essas mazelas sociais retratadas na obra estudada.

Após esse debate de críticas sociais, é de suma importância que voltemos ao nosso foco principal, que é a fomentação da leitura, por essa razão realizaremos duas atividades de produção textual. A primeira será para os alunos utilizarem de sua criatividade e recontarem a história de Severino, criando novos personagens, novos elementos locais e novas críticas sociais. A segunda atividade refletirá a respeito do resultado desta pesquisa, em que os alunos deverão escrever um breve texto relatando as suas vivências com a leitura e se gostariam que mais textos como o poema “Morte e Vida Severina” fossem trazidos para a sala de aula, para atividades de leitura e compreensão textual.

2.3. Culminância da aplicação da atividade de intervenção

A culminância das atividades propostas por este projeto foram realizadas no dia 02 de abril de 2019, no turno da tarde na turma do 9º ano B da Escola Perciliano Tourão Corrêa. No primeiro contato com a turma os alunos não se demonstraram interessados a realizar as atividades que foram promovidas, alguns por timidez e outros por não estarem habituados a esse tipo de tarefa. A priori foi realizado uma sondagem de conhecimento, busquei conhecer o que a turma sabia a respeito da temática, de literatura, poemas e se conheciam o poema abordado e os resultados foram silencio e desconhecimento, pude observar que a turma não possui o habito de debater em sala de aula, os alunos são muito calados e presos ao tradicional, aulas em que eles só escrevem o que está no quadro e só o professor fala.

Dando continuidade apresentei aos mesmos o poema *Morte e Vida Severina*, levei um exemplar do livro, o filme e um roteiro de análise, realizamos uma leitura em conjunto de alguns trechos da caminhada de Severino e em seguida assistimos ao filme. Por conta do tempo não assistimos o filme na integra, fomos cortando algumas partes e pausando para algumas explicações, ao final desse primeiro momento fizemos uma roda de conversa, na tentativa de mais uma vez incentivar a fala dos discentes que ainda estavam muito envergonhados e também desinteressados.

Ao realizarmos uma análise crítica da obra foi possível evidenciar que a história de Severino é singular a de muitas pessoas que conhecemos, foi assim que alguns alunos contaram que conheciam histórias parecidas, mas em nossa região. Histórias essas de pessoas que haviam vindo do interior (das ilhas ou ramais do município de Igarape Miri) para a cidade, em busca de melhores condições de vida. E que ao chegar na cidade se depararam com um quadro também de desanimo, pois a realidade do município é de muita dificuldade e desamparo.

No segundo momento apresentei aos alunos a atividades que eles teriam que desenvolver, expliquei que eles teriam que produzir um texto e um poema e a reação deles a priori foi desistir, alguns abandonaram a sala alegando que o exercício era muito difícil para ser realizado e que os colegas de turma iriam debochar do que fosse produzido. Diante disso acordei com a turma que um trabalho seria em grupo e o outro individual, sendo que este último não precisaria ser identificado com o nome, para que eles se sentissem a vontade para escrever e este projeto visa discorrer a respeito da qualidade do que eles produziram.

Iniciamos então as produções em grupo, eles pediram ajuda, brincaram muito e relataram que apesar de difícil estavam tendo um momento de descontração. Depois de entregue os poemas que eles produziram em grupo foi a vez deles produzirem um breve texto pessoal a respeito do que havíamos discutido em sala de aula. Foi perceptível a dificuldade da turma para realizar tal prática desde a interpretação do comando da questão. Ocorre que o comum para esses discentes é trabalharem com perguntas sucintas e respostas prontas, que eles possam tirar do livro, decorar e transcrever para as avaliações exatamente igual.

Quando conversamos sobre sua capacidade de ler, interpretar e produzir textos os mesmos afirmaram que não é corriqueiro naquela sala de aula esse tipo de exercício, uma grande parte da turma relatou não ter afinidade com a leitura, tachando como algo chato e até mesmo desnecessário, haja visto que o objetivo dos mesmo é apenas tirar notas boas nas provas para que avancem de série.

Apesar de todos esses fatores contrários eles conseguiram se expressar minimamente, com muita ajuda e apelo alguns alunos relataram suas experiências com a leitura e com o poema de João Cabral de Melo Neto, no entanto alguns entregaram as folhas em branco alegando incapacidade de produzir um texto autoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, no decorrer deste projeto, chegamos a confirmação do debate teórico que construímos nos capítulos anteriores. Como vimos a construção de uma sociedade leitora se faz a partir de um conjunto de fatores -contexto histórico, incentivo familiar, infraestrutura educacional, formação continuada de docentes, entre outros – onde se um destes falha acontece uma ruptura neste processo.

O caso estudado (alunos do 9º ano da escola Perciliano Tourão Corrêa) demonstrou claramente as lacunas apontadas no capítulo I, foi evidente a falta de contato dos alunos com a leitura e também a literatura, por um lado fatores extra escolares: famílias em situação de risco, imersas em uma região marginalizada, onde a cultura que está enraizada é a do trabalho em primeiro lugar para a garantia do sustento e os estudos são secundários e não tão necessário, onde o objetivo é apenas conquistar o diploma. Por outro lado, uma escola carente de incentivos e políticas voltadas para o incentivo do hábito de ler.

Nesse sentido torna-se fácil perceber os motivos que levam os educandos a darem resultados insatisfatórios quanto a produção textual. Pessoas que não leem realmente têm mais dificuldades para interpretar e escrever, visto que para alcançar uma boa escrita é necessário muito exercício da mesma. Uma escola que se prende aos métodos tradicionais (cópias e matérias decoradas) reproduz e reforça esse quadro precário de cultura da leitura no Brasil.

Diante disso, após esta análise vimos que é possível romper esse desempenho rudimentar do público leitor instaurado a muitos anos em nosso país. Antes de tudo se compreendermos que este cenário é produto de um processo histórico, onde desde o nosso processo de colonização fomos prejudicados, depois

a segregação de classe e gênero que formou nos dias de hoje uma sociedade que não prioriza a leitura.

Como proposta de intervenção o presente trabalho aponta como saída para essa perspectiva o uso do gênero literário poema, que como já discutimos anteriormente possui uma carga de benefícios e atrativos capazes de seduzir o público leitor. Na aplicação desta prática em sala de aula observamos que os alunos apreciaram a ludicidade, a musicalidade, a sensibilidade do gênero que mesmo com esses elementos não deixa a desejar na realismo que gerou uma identificação nos alunos, onde eles puderam ter proximidade com o poema vendo que aquela história contada se confunde com a história de muitos deles ou de pessoas que eles conhecem.

Desta maneira constatou-se que foi eficaz a sugestão de se trabalhar com o poema “Morte e Vida Severina”, pois após o contato dos discentes com o mesmo estes últimos citados se viram nas linha do poema, viram suas famílias e conhecidos e assim perceberam que a literatura não está distante da realidade deles. Durante a atividade muitos relataram que suas famílias viveram histórias similares a de Severino e que esse processo de migração é comum da região deles.

Outro resultado obtido por meio da produção textual dos alunos pesquisados foi o numeroso apelo por atividades deste gênero, onde eles possam ver um filme, ouvir músicas, ler poemas e mesmo com dificuldades produzir textos. Foi notório nas falas dos referidos que a escola não possui uma dinâmica que volta seus olhares para essa questão e não dá suporte para que os alunos possam explorar esse horizonte.

Neste ponto então que voltamos a nossa discussão inicial a respeito das falhas na educação pública no Brasil, um governo que não incentiva e disponibiliza possibilidades para as escolas de desenvolverem projetos visando a cultura da leitura é responsável pelo baixo índice de leitores no país. Essa falta de incentivo limita os professores e as escolas a agirem contra esse cenário, que somado a construção pessoal que as famílias dos alunos possuem, de desamparo social, marginalização, desemprego, entre outros, somente agrava esta situação que está sendo exposta.

Portanto, é necessário que esses três pilares sejam trabalhados: políticas públicas, escola e família. Uma vez que gestores e professores capacitados para promover a cultura da leitura, juntamente com famílias conscientizadas da

importância do ler e da participação ativa e conjunta com a escola, com certeza passarão a construir cidadãos leitores, capazes de ler, interpretar, criticar e produzir textos.

NOTAS

¹Informação retirada do site: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/ministro-da-cultura-diz-que-baixo-indice-de-leitura-no-brasil-uma-vergonha-16606376>).

² Informações retiradas do site <https://www.infoescola.com/livros/morte-e-vida-severina/>

³ Informações retiradas do site https://www.ebiografia.com/joao_cabral_de_melo_netto/

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Larissa. Os aspectos sociais de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas. In: Scripta Alumni - Uniandrade, n. 14, 2015.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1985.

Freire, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 1ªEd – São Paulo: Ática, 2011.

LEAL, Lidyane. A importância da poesia na formação de leitores. In: V ENID, 2014.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina e outros poemas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MELLO, Franceli. Poesia infantil: a que será que se destina? In: Revista Polifonia. Nº 7, Cuiabá, 2003.

PEREIRA, Célia Marcia. A representação social em Morte e Vida Severina. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2011.

PIRES, Elmita; PIVETA, Marcia. Literatura e leitura na escola de ensino básico. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SILVA, Eliane; DUARTE, Fabíola; SILVA, Marinaldo; SOUZA, Rosa Lúcia. Leitura e escrita: a importância da leitura de poemas na formação de leitores com ênfase no método convencional da sala de aula e o uso do blog. In: II CINTEDI, 2016.

TRES, Thanisa Aparecida; IGUMA, Andreia de Oliveira A. A importância da poesia na formação do leitor. In: INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 3, Edição número 20, de Outubro, 2014/Março, 2015.

VARGAS, Suzana. Leitura uma aprendizagem de prazer. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 1988.

ANEXOS

MORTE E VIDA SEVERINA

(João Cabral de Melo Neto)

Roteiro de Leitura

Texto de Carlos Rogério D. Barreiros (Adaptado)

UM AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO

Morte e Vida Severina é a narrativa em versos da viagem que o retirante Severino faz de sua terra — a serra da Costela, nos limites da Paraíba — até Recife, seguindo o curso do rio Capibaribe. Chamada **auto** pelo próprio autor, assemelha-se às composições de caráter religioso ou moral dos séculos XV e XVI, cuja representação teve origem nos **Presépios**, encenações do nascimento de Cristo, típicas também em Pernambuco, estado em que corre a obra de João Cabral de Melo Neto.

Divide-se o texto em dezoito quadros — cujos títulos são uma pequena síntese do que será lido adiante. Os nove primeiros retratam o curso da viagem de Severino a Recife; os outros, suas experiências na cidade que tanto esperava. No primeiro quadro, **o retirante explica ao leitor quem é e a que vai**, mas se depara logo de início com uma dificuldade: como poderá identificar-se, se há tantos Severinos iguais a ele, com mães e pais cujos nomes também são extremamente comuns?

*Como há muitos Severinos
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos*

*com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.*

Nota-se a despersonalização do protagonista, que ele mesmo reafirma, logo depois:

*Somos muitos Severinos
 iguais em tudo nesta vida:
 na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra,
 no mesmo ventre crescido
 sobre as mesmas pernas finas,
 e iguais também porque o sangue
 que usamos tem pouca tinta.*

Se se assemelha a outros tantos Severinos fisicamente, também será igual a eles na **morte severina**, que explica ou condensa parte do título:

*morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).*

A morte ocasionada pelas injustiças sociais — **de velhice antes dos trinta e de fome um pouco por dia** — ou pela violência do sertão — **de emboscada antes dos vinte** — é a mesma para todos os Severinos, fadados a ela desde o dia em que nascem. Para a compreensão do texto, é essencial a compreensão do binômio **morte/vida**: repare que a narrativa, iniciada com um comentário sobre a morte comum a todos os retirantes do sertão, é terminada com um nascimento — a explosão da vida, mesmo que Severina.

Depois de se apresentar e convidar os leitores — tratados respeitosamente por **Vossas Senhorias** — a acompanhá-lo em sua jornada até o Recife, o retirante **encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!”**. É a segunda morte com que Severino se depara: o defunto carregado morreu de **morte matada** por ter alguns hectares de terra, evidenciando, mais uma vez, a violência que é **causa mortis** no sertão:

— *E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?*

— *Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.*

— *Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?*

— *Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.*

O diálogo tem o vocativo **irmão das almas** no segundo verso, criando uma ladainha. A **ave-bala** é a metáfora da violência praticada pelos grandes proprietários, que

deixará a **semente de chumbo** guardada no cadáver. Severino propõe-se a ajudar os irmãos das almas a carregá-lo.

No terceiro quadro, **o retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o rio Capibaribe, cortou com o verão**, ou seja, secou. Compara-se o trajeto até Recife com um rosário cujas contas são as vilas e cidades e cuja linha é o rio: o retirante sabe que deve rezá-lo até que o rio encontre o mar, mas não é fácil porque

*entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de plantas e bichos vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.*

Desorientado, ouve um canto distante em uma casa, onde se cantam excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores: é mais uma morte no caminho do retirante. A paródia do homem fala das coisas de não, como se a morte severina — o defunto, curiosamente, chama-se Severino — fosse negação absoluta do que é vida:

*— Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...*

*— Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.*

(...)

*— Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.*

(...)

*— Dize que coisas de não,
ocas, leves:*

como o caixão, que ainda deves

No quinto quadro, o retirante questiona-se sobre a vida e sobre a morte: talvez seja prudente parar naquele lugar para procurar trabalho.

— *Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*

Cansado do encontro com a morte, o retirante afirma que a pouca vida que encontrou era, também, severina. Note o jogo feito com a palavra **severino**, diminutivo do adjetivo **severo**: a vida e a morte são o mesmo, **severas** — porque a primeira é assolada pela segunda — e **anônimas**, como insinuou o próprio retirante no início da narrativa.

No sexto quadro, **dirige-se à mulher na janela**, que talvez lhe pudesse dar notícia de algum trabalho. No entanto, tudo que se faz naquele lugar está relacionado à morte: ela é a rezadora titular dos defuntos de toda a região. Mesmo que Severino saiba lavrar, arar, tratar de gado, cozinhar ou tratar de moenda, pouco poderá fazer ali:

— *Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.*

A morte atrai moradores do litoral, interessados em ganhar dinheiro. São os retirantes às avessas:

*Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirante às avessas,
sobem do mar para cá.*

Comparam-se os trabalhos que são feitos na terra com os ofícios que a morte exige. Ela é mais lucrativa e menos trabalhosa, pois no “cultivo da morte” as pragas e estiagens são aproveitáveis:

*Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpar,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.*

A zona da mata, que parecia tão encantadora no sétimo quadro, será tão dura quanto o sertão, quando Severino assistir ao enterro de um trabalhador. Se naquela terra **mais branda e macia/ quanto mais do litoral/ a viagem se aproxima** a vida não era tão áspera, parece óbvio ao retirante que ali

*não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.*

No entanto, no enterro do oitavo quadro observa-se que a morte ainda se faz presente, mesmo em terra tão rica e fértil. É o trecho mais famoso do poema:

— *Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.*
— *É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.*
— *Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.*
— *É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.*
— *É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.*

Ao defunto cabe calar-se por ter recebido terra de graça. Ciente de que a vida e a morte na serra, onde nasceu, na caatinga e na zona da mata é exatamente a mesma, Severino afirma que o que o levou a retirar-se não foi a cobiça, mas a vontade de estender a vida, já que havia conseguido alcançar os vinte anos. Assim, apressa o passo, reza a última ave-maria — isto é, atravessa a última cidade — do

rosário no nono quadro e chega a Recife no décimo, em que, sentado para descansar, ouve a conversa de dois coveiros. Um deles trabalha em Santo Amaro, e por isso é invejado pelo outro, empregado da Casa Amarela, cemitério dos retirantes, dos pobres e dos miseráveis. Ambos não entendem os retirantes:

— *Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando a sua morte chega,
temos de enterrá-los em terra seca.*

(...)

— *Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.*

— *E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
pode morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.*

— *Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.*

A idéia de que a jornada até Recife era, na verdade, seu próprio funeral desanima Severino. O décimo primeiro quadro é um monólogo em que a ideia do suicídio, à beira do mar, em um cais do rio Capibaribe, é sugerida:

*A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia.*

O mestre José, carpinteiro, — não por acaso, homônimo do pai de Cristo — **morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio**, surge no décimo segundo quadro para ser questionado por Severino: que valor tem a vida, se Severina até a morte? José é categórico:

*— Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.*

O mar citado acima é a miséria que se agiganta cada dia mais sobre os tantos severinos, mas o mestre não pensa que é necessário dobrar-se a ele. Depois de uma série de perguntas, o retirante finalmente expõe sua verdadeira intenção:

*— Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?*

Subitamente, no décimo terceiro quadro, **uma mulher, da porta de onde saiu o homem, anuncia-lhe** que nasceu seu filho:

*Saltou para dentro da vida
ao dar seu primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.*

É a resposta ao que Severino havia acabado de perguntar: enquanto pensava em saltar fora da vida, salta-lhe quase ao colo o filho do mestre. O décimo quarto quadro é todo de louvor ao nascido; vizinhos, amigos e duas ciganas cantam-lhe a vida:

— *Todo céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.*
— *Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.*

Mesmo miseráveis, os visitantes presenteiam a criança. Cada um dá o que pode, cobrindo o pequeno de elogios e esperanças:

— *Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-lhe assim de letras
vai um dia ser doutor.*

O ambiente otimista é quebrado por uma das ciganas, que anuncia como inevitável o destino do filho de José:

*Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,*

*que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.*

A vida do garoto será semelhante à de um animal. No entanto, a outra cigana enxerga um futuro melhor, ainda que sofrido:

*Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vemos aqui, vestido
de lama da cara ao pé.*

No décimo sétimo quadro, a criança é elogiada pelos visitantes, que a identificam com o **sim** — que se opõe às **coisas de não** — e com o **novo**:

*— De sua formosura
deixai-me que diga:
tão belo como um sim
numa sala negativa.*

(...)

*— Belo porque tem do novo
A surpresa e a alegria.*

*— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.*

(...)

*— E belo porque com o novo
todo o velho contagia.*

O último quadro está reproduzido integralmente abaixo: **O Carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada**

— *Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.*

Mesmo que não se considere apto a responder a pergunta de Severino, José afirma que a explosão da vida de seu filho, que ambos puderam apreciar, era a alternativa: mesmo com as mazelas, a vida deve ser vivida, mesmo que seja severina.

Vida e Morte severina é um poema do escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto. A obra foi escrita entre 1944 e 1945, quando foi publicada, e conta a história de Severino, um retirante entre tantos outros.

Análise e interpretação

Contexto

A GERAÇÃO DE 45

João Cabral de Melo Neto fez parte da geração de 45, a terceira fase modernista. Nessa geração, principalmente na poesia, é difícil encaixar os autores dentro de correntes literárias. Em um amplo espectro, é possível dizer que a poesia deixou de ser tão intimista passando para um maior formalismo.

A poesia de João Cabral é exemplar nesse aspecto. Engenheiro de formação, o poeta encaixa palavras como um construtor assenta tijolos. A sintaxe seca e os versos curtos são emblemáticos nos poemas de João Cabral.

Se na poesia os temas são variados, na prosa parecem coexistir duas vertentes: uma intimista voltada para o fluxo de consciência, tendo Clarice Lispector como maior representante; e outra que aprofunda as questões da prosa regionalista dos anos 30, tendo Guimarães Rosa como seu maior expoente.

O fim da ditadura de Getúlio Vargas promoveu uma abertura social. A geração de 45 é também engajada nos temas sociais e com grande envolvimento na política.

Análise

APRESENTAÇÃO E FORMA

Vida e morte severina é um poema trágico que nos apresenta um *auto de natal pernambucano*. O herói Severino é um retirante que foge da seca e da fome, porém, só encontra a morte em sua fuga. Até que ele presencia o nascimento de um

filho de retirantes, severinos iguais a ele. O nascimento é apresentado em forma de presépio, com a chegada das pessoas para presentear o recém-nascido.

Um auto é subgênero da literatura dramática, que surgiu na Espanha medieval e, em língua portuguesa, teve seu maior expoente em Gil Vicente. Em *Vida e morte severina* observamos os mesmos recursos usados nos autos medievais.

A obra está dividida em 18 partes. Antes de cada parte existe uma pequena apresentação do que acontecerá. O mesmo podemos encontrar nos autos medievais. O poema começa com a apresentação de Severino.

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
 como não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 (...)

 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo na vida:
 na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra

Severino se apresenta como um em muitos ("iguais em tudo na vida"). A sua individualidade é anulada e o seu nome se torna um adjetivo já no título da obra. À moda dos autos medievais, o personagem se torna uma alegoria, uma representação de algo que é muito maior que ele.

Os versos do poema são curtos e muito sonoros. A maioria conta com sete sílabas poéticas, também conhecido como redondilha menor, outra característica dos autos. A constante repetição de versos é uma ferramenta muito usada por João Cabral. Além de servir como reforço semântico para o tema, promove a homofonia e a repetição de sons, que dão uma maior musicalidade aos versos.

— A quem estais carregando,
 irmãos das almas,
 embrulhado nessa rede?
 dizei que eu saiba.
 — A um defunto de nada,
 irmão das almas,

A sonoridade do poema é um elemento muito importante nesta obra. A sua leitura se torna quase cantada, uma ferramenta comum quando a escrita não era difundida. A sonoridade servia como um modo de facilitar a memorização da poesia. Esse formato também lembra as poesias de cordel. Sabe-se que João Cabral de Melo Neto costumava ler em voz alta para os funcionários da fazenda alguns cordéis.

ESPAÇO E TEMÁTICA

O espaço e o tema estão intimamente ligados nesse poema. A obra aborda a viagem de um retirante do interior do Pernambuco até o Recife, onde ele se depara constantemente com a morte. O fio condutor do percurso é o rio Capiberibe, que deve ser o percurso certo do interior ao litoral.

Pensei que seguindo o rio
 eu jamais me perderia:
 ele é o caminho mais certo,
 de todos o melhor guia.

Ao longo da jornada Severino encontra diversas vezes com a morte. Morte por fome, por emboscada, ou por velhice antes do trinta. O sertão é o espaço e a morte é o tema, os dois andam juntos ao longo do rio. Até o próprio rio também morre.

Mas como segui-lo agora
 que interrompeu a descida?
 Vejo que o Capibaribe,
 como os rios lá de cima,

é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina

O percurso do rio pode ser comparado ao percurso da vida no sertão, que de tão frágil muitas vezes se interrompe. Severino se depara com a morte muitas vezes. Da primeira vez o defunto é carregado numa rede por outros homens. O falecido morreu de morte matada, em uma emboscada por alguém que queria ficar com suas terras. Depois, Severino se depara com um defunto sendo velado em uma pequena residência. Seguindo viagem, ao tentar conseguir trabalho em uma pequena vila, a morte aparece novamente, mas como única fonte de renda para quem quer viver lá. Mais perto do litoral, Severino se espanta com a terra mais macia e cheia de cana, e acha que lá é um bom lugar para trabalhar. Porém, assiste ao funeral de um lavrador.

— Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,

Interpretação

Nesta obra, João Cabral de Melo Neto apresenta o percurso de morte e vida do retirante Severino. Severino é um entre muitos outros, que tem o mesmo nome, a mesma cabeça grande e o mesmo destino trágico do sertão: morrer de emboscada antes dos vinte anos, de velhice antes dos trinta, e de fome um pouco a cada dia. A alegoria Severino percorre o sertão em busca de uma expectativa de vida maior no litoral. O poema pode ser dividido em duas partes. A primeira com o seu caminho até o Recife, e a segunda é sua chegada e estadia na capital pernambucana.

PERCURSO

A primeira parte é marcada pela presença constante da morte, no meio da paisagem agreste e do chão duro de pedra. A morte também é dura, e sempre tem relação com a pobreza e com o trabalho. Ou é morte matada em emboscada, por conta da dura terra trabalhada, ou é morte miserável, na qual não sobra nenhum pertence.

_ Dize que leva somente
coisas de não:
fome, sede, privação

Num lugar em que o trabalho leva à morte, a morte é o trabalho mais certo. No meio da miséria do sertão, Severino encontra uma senhora em uma casa mais arrumada e resolve perguntar por trabalho, mas não há trabalho para quem mexe com as coisas da terra.

_ Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.

Conforme Severino se aproxima do litoral, a terra começa a ficar mais mole, mas a morte não abrandando. O solo se torna mais fértil e o canavial é grande, mas, mesmo em meio à abundância, a paisagem é vazia de pessoas. O retirante acredita que o motivo para o lugar estar tão vazio é que a terra é tão rica que não é preciso trabalhar todo dia. Ele crê ter chegado em um lugar onde a morte abrandando e a vida não é severina.

Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco na verde colina
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha

O que se segue é a narração do funeral de um trabalhador. Severino estava enganado pois o pequeno cemitério recebe muitos mortos. Ele só é pequeno porque as covas são rasa e estreitas. Severino escuta o que os trabalhadores dizem ao morto.

_ Essa cova em que estás,
 com palmo medida,
 é a conta menor
 que tiraste em vida.

(...)

_ Não é cova grande,
 é cova medida,
 é a terra que querias
 ver dividida.

O caráter social e político no trecho do poema é marcante. O funeral de um lavrador é um enterro de quem trabalhou a vida toda em terra alheia. Vivendo na miséria e sendo explorado. O trabalhador, que só queria um pedaço de terra seu para trabalhar, acaba morto. A única terra que ele tem é a pouca terra da sua cova.

RECIFE

A chegada à capital do Pernambuco continua sendo marcada pela morte e pela miséria, mas o cenário é totalmente novo. Ao invés das terras secas de pedra, o lugar da pobreza e, conseqüentemente, da morte, é o mangue. As terras alagadas que são habitadas pelos retirantes.

Fugindo da seca, da morte e da terra de pedra, os diversos Severinos chegam à Recife onde continuam marginalizados. Destinados a viver na miséria, ainda cercados pela morte, mas em solos diferentes, cheios de água.

Os retirantes continuam a viver da terra, mas, em vez de ficarem cobertos de poeira de arar a terra seca, ficam cobertos de lama de caçar caranguejos no mangue. Diante do cenário sórdido, o suicídio parece uma boa opção, interromper a vida que também é morte severina.

A solução é apressar
 a morte a que se decida
 e pedir a este rio,
 que vem também lá de cima,
 que me faça aquele enterro
 que o coveiro descrevia:

caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida

Neste momento o percurso e a narrativa parecem ter chegado ao fim. Severino percorreu o sertão onde só encontrou morte. Ao chegar no final do rosário, de sua penitência, esperava encontrar redenção, porém voltou a encontrar a morte.

No momento em que Severino está num cais pensando em tirar a própria vida, ele encontra José, um morador do mangue. O que se passa é um diálogo sobre a vida miserável que se vive no sertão e nos mangues de Recife, sobre a morte que, por mais que seja anunciada, parece ser adiada para se viver mais dias de sofrimento.

A conversa é interrompida pelo anúncio do nascimento do filho de José, que é um momento de epifania no poema. O subtítulo do poema *Auto de Natal* e o nome do pai José são uma clara referência ao nascimento de Jesus.

Primeiro chegam os vizinhos e duas ciganas. As pessoas trazem presentes para o menino, assim como os três reis mágicos, porém os presentes são simples, são presentes de pessoas pobres. São dezesseis presentes, quase todos precedidos pela frase: *Minha pobreza é tal*.

Após a entrega dos presentes, as duas ciganas adivinham o futuro do menino. A primeira cigana traz uma previsão do trabalho do mangue, o mesmo trabalho duro em meio à lama. A segunda faz uma outra previsão, a do trabalhador industrial, coberto de graxa preta e não de lama.

As duas previsões são prenúncios de um simples trabalhador, seja na miséria do mangue, seja numa fábrica menos miserável, mas do mesmo modo um trabalhador. Em seguida, os vizinhos descrevem o recém-nascido, uma criança pequena, ainda fraca, mas saudável, filho de homem e do ventre de uma mulher.

Severino e José retomam o diálogo, e a epifania é anunciada pela boca do novo pai.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco

em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena

O *Auto de Natal* fica completo com o nascimento do menino. O percurso de Severino, mesmo sendo cercado pela morte, termina com a vida que insiste em florescer em meio à tanta miséria e morte.

Atividade de produção textual

1. Com base na leitura e análise do poema “Morte e Vida Severina” produza um texto de gênero poema recontando a história de Severino criando novos personagens, novos elementos locais e novas críticas sociais.
2. Escreva um breve texto (mínimo 10 linhas) relatando as suas vivências com a literatura e leitura, e se gostariam que mais textos como o poema “Morte e Vida Severina” fossem trazidos para a sala de aula, para atividades de leitura e compreensão textual.